

**O BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR E OS ARTEFATOS CULTURAIS:
uma análise da animação “As aventuras de Peabody e Sherman”¹**

Tuany Barbosa Meneses²
Joanalira Corpes Magalhães³

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar o filme “As aventuras de Peabody e Sherman” a fim de discutir a potencialidade desse artefato cultural para o debate sobre o *bullying*. Esse estudo se fundamenta teórico e metodologicamente a partir dos Estudos Culturais, pós-estruturalistas. Para tanto, a análise foi disposta em dois momentos: (1) análise das representações presentes no filme com relação ao *bullying*. Para esse objetivo, foram analisadas três cenas, em que ocorrem ações recorrentes dessa prática. (2) discussão da potencialidade do filme para o debate sobre o *bullying* na escola, mencionando os diferentes aspectos que fazem com que esse filme possibilite esse debate. Por fim, podemos constatar que o *bullying* é um comportamento que requer significativa atenção dos/as professores/as, por isso propor sua discussão a partir de um artefato cultural se torna potente para se repensar as inúmeras problemáticas imbricadas nesse fenômeno.

Palavras-chave: Escola-instituição. Educandos. Vida do educando. Problemática do educando. *Bullying*

**BULLYING IN THE SCHOOL CONTEXT AND CULTURAL ARTEFACTS: an
analysis of the animation “The Adventures of Peabody e Sherman”**

Abstract: This article aims to analyze the film "The Adventures of Peabody and Sherman" in order to discuss the potential of this cultural artifact for the debate on *bullying*. This study is theoretically and methodologically based on post-structuralist Cultural Studies. To this end, the analysis was divided into two parts: (1) analysis of the representations present in the film in relation to *bullying*. For this purpose, three scenes were analyzed, in which recurrent actions of this practice occur. (2) discussion of the film's potential for debate on *bullying* at school, mentioning the different aspects that make this film possible. Finally, we can see that *bullying* is a behavior that requires significant attention from teachers, which is why proposing its discussion from a cultural artifact becomes powerful for rethinking the numerous problems imbricated in this phenomenon.

Keywords: School-institution. Students. Students' lives. Students' problems. *Bullying*

**BULLYING EN EL CONTEXTO ESCOLAR Y LOS ARTEFACTOS CULTURALES:
un análisis de la animación “Las aventuras de Peabodye Sherman”**

Resumen: Este artículo pretende analizar la película "Las aventuras de Peabody y Sherman" con el fin de discutir el potencial de este artefacto cultural para el debate sobre el *bullying*. Este estudio se basa

¹ Esse texto foi produzido como Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção de título no curso de graduação em Pedagogia.

² Pedagoga licenciada pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Mestranda da pós-graduação pelo programa PPGEDU, da FURG, Bolsista CAPES, integrante do grupo de estudos Ecoinfâncias. E-mail de contato: tuanybs23@gmail.com.

³ Professora Associada do Instituto de Educação e do Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências da Furg. Doutora em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Pós-Doutorado em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Vice-líder do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola – GESE, da FURG. Pesquisadora do Grupo de Investigación en Educación y Sociedad (Gies). E-mail de contato: joanaliramagalhaes@gmail.com.

teórica y metodológicamente en los Estudios Culturales post-estructuralistas. Para ello, el análisis se dividió en dos partes: (1) análisis de las representaciones presentes en la película en relación con el *bullying*. Con este fin, se analizaron tres escenas en las que se producen acciones recurrentes de esta práctica. (2) discusión del potencial de la película para el debate sobre el *bullying* en la escuela, mencionando los diferentes aspectos que hacen posible esta película. Finalmente, podemos ver que el *bullying* es un comportamiento que requiere una atención significativa por parte de los profesores, por lo que proponer discutirlo utilizando un artefacto cultural es una forma poderosa de repensar los numerosos problemas involucrados en este fenómeno.

Palabras clave: Escuela-institución. Alumnos. La vida de los alumnos. Problemas de los alumnos. *Bullying*.

Introdução

No início do ano de 2019, ingressei⁴ no curso de Pedagogia licenciatura. Assim que comecei a ter as primeiras disciplinas, me deparei com diferentes formas de instigar meus conhecimentos a partir de diferentes recursos de abordagem de conteúdos, reflexões, de trabalhos e avaliações como forma de ampliar meu aprendizado. Foi quando pela primeira vez em uma aula de História da Educação ouvi falar sobre artefatos culturais – até então eu fazia uma vaga ideia do que se tratava.

A construção de seu significado e sentido se sucedeu mesmo no terceiro ano do curso, diante da disciplina de Metodologia do Ensino de XXX, descobrindo que um artefato cultural pode auxiliar os/as professores/as no planejamento e desenvolvimento das aulas, com intuito de mediar o processo educativo.

Demorei a perceber que artefatos culturais perpassam nosso cotidiano, através de filmes que assistimos, novelas, reportagens, músicas, entre outros. Nesse sentido, comecei a questionar sobre o impacto que eles podem causar no ambiente escolar, pois somos produtores e consumidores de cultura. Dessa forma, acredito que utilizá-los como ferramenta para dispor conhecimentos, questionamentos e reflexões pode facilitar a compreensão de certas questões importantes e controversas ao etnocentrismo, o que pode ser percebido diante de algumas atitudes, como nos preconceitos construídos pela linguagem, em “piadas” e em atos de violência, diante da ridicularização de questões étnico-raciais, da cultura de outros povos e crenças religiosas.

⁴ Neste primeiro momento do texto faremos uso da escrita em primeira pessoa do singular a fim de apresentar os movimentos de aproximação com o objeto de estudo, nos demais tópicos do artigo faremos uso da terceira pessoa do plural entendendo que a escrita como movimento coletivo.

Por isso, a importância de saber como utilizar esse recurso no ambiente escolar, seja na criticidade de seus conteúdos, reflexão, conscientização ou problematização, pois mesmo que o artefato cultural relate esses tipos de preconceitos e violências, ainda assim este pode ser utilizado como proposta pedagógica e não somente reduzir a potencialidade dele a produções escritas sem sentido, meramente para exercitá-la, ou representações artísticas dos personagens; ou seja, é importante explorar as diferentes temáticas apresentadas nele, como proposta de análise e problematização dentro do contexto escolar.

Por esse motivo, optei pela escolha da temática sobre artefatos culturais paralelamente associado ao ensino de ciências, visto que estaria próximo a área de atuação da minha orientadora. Logo, foi devido a isso que acabei encontrando o filme “As aventuras de Peabody e Sherman” dirigido por Rob Minkoff, lançado no ano de 2014. Porém ao assisti-lo percebi que além de sua potencialidade para abordá-lo quanto ao ensino de ciências, ele também apresentava a importante problemática do *bullying* no contexto escolar.

Além disso, ao me deparar com suas cenas referente ao fenômeno *bullying*, me acionaram certas memórias de um período nada agradável que passei no contexto da escola, quando criança o que me fez lembrar também que o *bullying* sofrido me trouxeram consequências quase que irreparáveis, como queda no rendimento escolar, baixa autoestima, falta de confiança. Desse modo, enquanto educadora percebi que esses problemas ocasionados pelo *bullying*, deveriam também ser uma preocupação minha, por isso escolher tal assunto para o meu TCC, poderia contribuir tanto para minha formação quanto para a pesquisa de um problema tão importante como esse no ambiente da escola.

Logo, na perspectiva de utilizar o artefato cultural como reflexão da prática do *bullying*, dos problemas assim provocados por esse tipo de comportamento, através da relação de paternidade representada pelo personagem Peabody que é um cão, que nos possibilita pensar nas diferentes configurações familiares –, pois crianças e adolescentes que possuem famílias dadas como diferentes do que a nossa cultura predomina como “ideal”, tendem a se tornar alvo de *bullying* mais facilmente por parte dos/as alunos/as, seja diante de piadas, deboches, estranhamento, agressões físicas, verbais ou mesmo exclusão. Por essa razão, a importância da potencialidade do uso de artefatos culturais, que carregam com eles muito mais que apenas uma produção comercial e de entretenimento, eles também nos educam, nos mostram formas de

enxergar o mundo.

Por isso, esse artigo tem como objetivo geral analisar o filme “As aventuras de Peabody e Sherman” a fim de discutir a potencialidade desse artefato cultural para o debate sobre o *bullying*. Como objetivos específicos pretendemos: (a) analisar as representações presentes no filme com relação ao *bullying*; (b) discutir a potencialidade do filme para o debate sobre o *bullying* na escola.

Tal proposta de estudo justifica-se pelo fato do Brasil ser o quarto país com maior prática de *bullying* no mundo, conforme apresenta a reportagem intitulada “Brasil é o quarto país com maior prática de *bullying* no mundo, como aponta Unicef” (Diário do Amanhã, 2017). Nessa reportagem é relatado que 43% dos/as estudantes entre 11 a 12 anos, disseram ter sido vítima de violência física ou psicológica na escola. Além disso, menciona que os países que registraram maior índice de *bullying* na escola foram: República Dominicana (60%), Equador (44%), Panamá (44%) e Paraguai (43%), empatado com o Brasil. Mesmo estando em vigor a Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015, que institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática *bullying* no Brasil podemos perceber o quanto essa violência ainda se faz presente no cotidiano de crianças e adolescentes. Logo, mesmo o *bullying* não sendo um assunto tão atual ainda se encontra muito presente nas escolas, por isso é extremamente importante saber como trabalhar para que essa prática não continue se perpetuando em nossa sociedade.

Segundo a reportagem “Artigo: o *bullying* tornou-se um problema de saúde pública” (Cortes, 2022) para que haja uma conscientização dessa problemática é necessário que se tenha uma parceria da escola, família e profissionais da saúde, como pediatras, psicólogos/as, pois é um problema de saúde pública. Esse fenômeno traz inúmeras consequências às vítimas, principalmente, refletindo não somente em seu rendimento escolar, como também no seu desenvolvimento psicossocial, e em sua saúde como um todo. Contudo os/as responsáveis pelos/as alunos/as também devem observar certos comportamentos de seus/suas filhos/as, pois muitas vítimas do *bullying* sofrem em silêncio, é interessante perceber o porquê a criança ou adolescente não quer ir a aula, ou “mata” aula constantemente, se ela comenta que algum/alguma colega faz comentários que lhe desagradam, se ela tem facilidade de socialização e laços na escola. Tendo o *bullying* como gatilho para a ansiedade, depressão, uma das principais causas de doenças e incapacidade entre adolescentes e o suicídio como terceira

principal causa de morte entre eles/as, torna ainda mais indispensável tratar desse assunto no ambiente escolar e na formação de professores/as.

Referencial Teórico

Propor uma aproximação do que acontece no filme com o contexto da sala de aula é uma possibilidade, visto que o *bullying* é um assunto de extrema importância, pois corresponde a um comportamento agressivo, repetitivo, com a intenção de maltratar, ferir e ofender, intimidar e feito com frequência entre crianças ou adolescentes em idade escolar geralmente na relação entre pares. Fante esclarece que a definição do *bullying*:

É compreendida como um subconjunto de comportamentos agressivos, sendo caracterizado por sua natureza repetitiva e por desequilíbrio de poder. O desequilíbrio de poder caracteriza-se pelo fato de que a vítima não consegue se defender com facilidade, devido a inúmeros fatores (Fante, 2005, p. 28).

Por isso, é um assunto que envolve muitas questões de como a sociedade entende e valoriza o ser humano e as relações sociais, bem como o quanto nos importamos com o próximo. A escola é o local no qual as crianças têm o primeiro contato com diferentes conflitos, e aprender a solucioná-los da melhor forma é fundamental para o desenvolvimento de relações nesse ambiente. Logo, adotar práticas que promovam o debate sobre o *bullying* é uma das possibilidades para dar o enfoque merecido a essa problemática e contribuir para o seu desaparecimento no contexto escolar.

É de extrema importância que nós, enquanto educadores/as, saibamos diferenciar o *bullying* de um conflito isolado, pois existe uma diferença entre a causa de um conflito ocasionado em determinado momento e uma prática repetitiva e intencional, por intimidação e insistência de maltratar, ferir ou ofender alguém. Observar atentamente se o comportamento excedeu os limites do conflito normal na interpretação de Beane (2010), em seu livro direcionado às famílias, acontece quando:

Tem o objetivo de ferir e prejudicar o seu filho. Parece intenso e tem ocorrido por um significativo período de tempo. A pessoa que intimida seu filho procura ter poder e controle sobre ele. Não há pedidos de desculpas. O comportamento tem impacto negativo sobre seu filho (Beane, 2010, p. 16).

Diagnosticar e prevenir esses comportamentos é fundamental para a intervenção desse tipo de violência, principalmente no âmbito escolar, onde temos o dever de promover e discutir o respeito às diferenças. Em vista disso, utilizar o filme “As aventuras de Peabody e Sherman” não só como proposta de reflexão, mas também com o intuito de propor a conscientização diante das atitudes da personagem que pratica *bullying* e as reações do personagem Sherman, pode auxiliar e facilitar a discussão dessas questões que permeiam o ambiente escolar, pois esse filme apresenta uma situação de conflito entre os dois personagens, Penny e Sherman, e, ao longo de sua história, apresenta formas de resolver essa situação, além de mostrar que, com respeito às diferenças, é possível se obter uma amizade.

Nesse sentido, se torna importante entender que os artefatos culturais rodeiam não só o ambiente escolar, mas que os/as alunos/as possuem um contato direto com as mídias as quais disponibilizam a eles/as um repertório de saberes, formas de sentir e ver o mundo. Desse modo, entendemos esses artefatos enquanto espaços que educam, ampliando a ideia de que a educação ocorre não somente no espaço escolar. O filme em análise é uma produção cultural que apresenta uma problemática, uma visão, um comportamento imposto ou almejado. Por isso, é tão importante dispor desse recurso na promoção do saber dos/as educandos/as.

Os sujeitos que permeiam o ambiente escolar comentam constantemente sobre o que veem nos filmes, novelas, revistas e reportagens e sobre como esses conteúdos influenciam nos diferentes contextos em que vivem. Por isso, muitas vezes, dispor destes artefatos culturais no planejamento das aulas pode facilitar o processo de ensino e aprendizagem dos/as alunos/as, além de propiciar uma análise desses conteúdos que antes não se tinha, como estereótipos, padrões socialmente aceitos, assim como comportamentos. Dessa forma, podemos promover espaços de debate sobre temas como ciência, sexualidade, tecnologia, violência, preconceito entre outros que rodeiam as vivências de professoras/es e alunos/as. Sendo assim, conforme Caroline Amaral, Fabiane Caseira e Joanalira Magalhães “os artefatos culturais não são produções ‘inocentes’, ou mesmo que se resumem apenas a comercialização de produtos ou informações. Eles também nos educam” (2017, p. 126).

Por isso, entendemos que as produções culturais proporcionam uma ampliação de visão de mundo que vão se construindo incessantemente. Diante delas é possível perceber e compreender o atual contexto em que estamos inseridos/as. Assim, elas promovem a construção

do saber e relações de poder, que para Foucault (1999) seriam ações indissociáveis pois:

O poder produz saber, que o poder e saber estão diretamente implicados; que não há relação de poder sem constituição correlatada de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder (Foucault, 1999, p. 31).

Nesse sentido, podemos entender que os saberes que temos, foram/são produzidos a partir de relações de poder, sendo que o poder está presente em qualquer tipo de relação, ou seja, disseminado na sociedade. Por isso, as práticas sociais e culturais são constituídas e permeadas por relações de poder-saber, que muitas vezes atuam na produção e circulação de verdades dadas, socialmente, como universais. Logo, devemos levar em consideração o forte impacto dessas relações de poder na construção do conhecimento.

Sendo assim, os filmes, novelas, séries, comerciais e tantos outros produtos midiáticos exercem relações de poder, promovem sentidos e as vezes até reforçam alguns estereótipos. Joanalira Magalhães e Paula Ribeiro afirmam que “[...] esses artefatos, contém pedagogias culturais que ensinam modo de ser, estar e entender o mundo, construindo e reproduzindo significados sociais” (2013, p. 45). Além disso, ressaltam, ainda, o destaque que a escola tem na produção social de sentidos e significados com relação a diferentes temáticas que circulam dentro do ambiente da escola, como, por exemplo, diversidade, diferença, diversidade sexual, de gênero e étnico-racial, configurações familiares, dentre outras.

Como já dito, a escola é um espaço em que os sujeitos que ali transitam vivenciam diversas experiências e têm contato com as diferentes culturas. Contudo, cabe destacar que entendemos que essa instância social não se constitui como local exclusivo em que somos educadas/os. O entendimento de artefatos culturais nos possibilita ampliar a noção de espaços educativos e perceber a presença das pedagogias culturais as quais nos ensinam modos de entender e construir sentidos do mundo, de si e dos sujeitos.

Metodologia de análise

O presente trabalho de conclusão de curso, tem como objeto de análise o filme de animação computadorizada em 3D “As aventuras de Peabody e Sherman”, de 2014, dirigido por Rob Minkoff, disponível na plataforma *Amazon Prime*. O filme conta a história de um menino adotado por um cão superdotado, famoso cientista que inventou a máquina do tempo,

porém mesmo possuindo um potente currículo intelectual por fazer várias viagens no tempo com seu pai e, assim, ter acesso a imprescindíveis momentos históricos e explicações sobre a ciência, Sherman precisa ir para a escola. Justamente por ser tão inteligente e ser o único menino adotado por um cão, ele começa a sofrer na escola *bullying* da personagem Penny.

Sabendo da potencialidade que as produções culturais possuem no contexto escolar e sua relevância quanto aos diferentes espaços que educam os sujeitos, não podemos deixar de considerar os diferentes produtos midiáticos que carregam consigo pedagogias culturais que proporcionam formas de sentir e enxergar o contexto em que vivemos. Nesse viés, o filme em análise será investigado a fim de percebermos o seu potencial para abordar a temática do *bullying*. Assim, será visto em caráter exploratório, o quanto esse artefato cultural que não é uma produção inocente – pois carrega inúmeras representações de personagens, sentimentos e valores que nos levam a pensar e enxergar determinadas questões de determinadas maneiras – pode contribuir para elencar as representações do comportamento *bullying* no espaço escolar e como ele acarreta inúmeras consequências às vítimas e quem as presencia.

Nesse sentido, é importante abordar também a potencialidade do filme “As aventuras de Peabody e Sherman” quanto ao debate sobre o *bullying*, por ser um comportamento presente no ambiente da escola e que deve ser trabalhado para que sua prática seja excluída desse cenário. Dessa maneira, o filme será analisado como artefato cultural, diferentemente de uma visão pautada apenas no entretenimento dessas mídias. Para as análises, organizamos os dados em dois eixos de análise. No primeiro eixo, analisamos as representações presentes no filme com relação ao *bullying*. Para tanto, foram analisadas três cenas, em que ocorrem ações recorrentes do *bullying*. Na primeira cena, vimos a provocação da personagem Penny no refeitório da escola, em que a personagem pergunta ao menino Sherman se seu lanche seria ração. Na segunda cena, Penny joga longe o sanduíche de Sherman e fica zombando dele na frente de todos/as os/as seus/suas colegas e ainda fala frases como “pega cachorrinho, pega o seu lanche”. E, na terceira cena, Penny pega um pertence de Sherman e não deixa que ele o pegue de volta, sem que ele pule que nem um cão.

No segundo eixo de análise, discutimos a potencialidade do filme para o debate sobre o *bullying* na escola, mencionando os diferentes aspectos que fazem com que esse filme possibilite esse debate. Como exemplo citamos o comportamento da personagem Penny. Ela

apresenta comportamentos de um perpetrador, sendo que a intimidação que a personagem acomete na vítima do *bullying* faz com que os/as colegas de escola também tenham medo de tentar ajudar Shermam a sair dessa situação de controle exercida por Penny. Conforme a narrativa do filme, tal comportamento de Penny não é visto como um problema da direção da escola e pela representante da proteção à criança. A humilhação repetitiva exercida sobre a vítima se justifica, no enredo da história, pela configuração paterna do personagem ser vista como incomum, ou seja, Shermam é um ser humano e seu pai é um cão.

Por esse viés, nos debruçamos nos conceitos de artefatos e pedagogias culturais os entendendo enquanto espaços e processos que nos educam e nos constituem. Por esse viés, discutimos como essa produção cultural pode contribuir para promover a reflexão da prática do *bullying*, que é uma questão de saúde pública e que pode acarretar inúmeros problemas às vítimas desse comportamento. Por isso torna-se indispensável abordar tal temática diante de um artefato cultural que também é um recurso que promove a construção do conhecimento e pensar esse tema no campo da educação.

***Bullying* na escola e sua abordagem nos filmes**

Muito se tem discutido quanto ao combate a qualquer forma de violência no contexto escolar, que muitas das vezes acabam por ocasionar a prática do *bullying*. Ao mesmo instante que não é um assunto novo, pois seu estudo teve início há mais de duas décadas, as suas causas e recorrências geralmente não ganham a significativa importância que deveria ter, já que é uma questão social extremamente preocupante Cleo Fante (2005) acredita que:

A atenção da sociedade só se volta para o problema quando os meios de comunicação, de forma sensacionalista, divulgam as tragédias ocorridas nas escolas, gerando insegurança para a comunidade escolar, sem que suas verdadeiras causas sejam enfocadas (Fante, 2005, p. 30).

Foi somente após um terrível evento em uma escola no Rio de Janeiro no ano de 2011, conforme a reportagem “Lei de combate ao *bullying* completa um ano de vigência” no website do Senado (Baptista, 2017), em que relata que um jovem que matou 10 doze crianças a tiros devido ao *bullying* cometido a ele no tempo em que estudou nessa escola, é que se passou a pensar em algo a ser feito quanto ao *bullying* no Brasil. Dessa forma, no ano 2015 foi instituída a lei 13.185, a qual tem como objetivo instituir o Programa de Combate à Intimidação

Sistemática o (*bullying*), assim como qualquer tipo de violência dentro do ambiente escolar. A partir disso, começou-se assim a levar professores/as a pensar e explorar novas formas de discutir sobre o *bullying*, e assim fazer com que os/as alunos/as se conscientizem dos malefícios desse comportamento.

Nesse sentido, não podemos deixar de evidenciar o importante espaço em que a temática sobre *bullying* no ambiente escolar tem ganhado nas produções cinematográficas, afinal existe uma significativa recepção de filmes que tratam desse problema social. Logo, ao percebermos que o *bullying* só recebe a atenção que merece diante de noticiários que relatam sobre as tragédias acometidas devido a ele, filmes e novelas e tantos outros produtos midiáticos presentes no convívio dos/as estudantes reproduzem tal situação. Sendo assim, deve ser levado em consideração esses artefatos culturais, que contém pedagogias culturais que fazem com que esses/as alunos/as e professores/as e a comunidade escolar entendam a necessidade de se combater o *bullying* nesse ambiente.

Além disso, os filmes despertam diferentes emoções nos/as telespectadores/as, como destacado por Gislaíne Leite e Roney Castro “[...] eles seduzem o público produzindo sensíveis experiências e incitando problematizações e subversões diante de enredos que buscam impor normas” (2022, p. 119). Por isso, a relevância de se promover a discussão do *bullying* diante desse artefato cultural, que se encontra presente no cotidiano dos alunos e das alunas.

Nesse viés, com o intuito de ressaltar qual a potencialidade desse artefato cultural para o debate sobre o *bullying* na escola, foi feita uma análise de cenas em que apresentam representações desse comportamento e suas características marcantes quanto a isso. Por isso, o filme não será analisado integralmente, mas sim somente quanto ao que nos interessa, neste momento, com relação *bullying*.

Delineando algumas análises

Sabemos que os artefatos culturais são constituídos de pedagogias culturais, as quais nos ensinam determinadas representações, sentidos e significados sobre o mundo e os sujeitos. Para Joanalira Magalhães e Paula Ribeiro “são muitos os espaços, além da escola, que nos educam, que veiculam conhecimentos e significados” (2014, p. 39). Por isso, a importância de discutir a representação do *bullying* a partir das cenas do filme selecionado para análise nesse

texto, que diante das diversas pedagogias culturais presentes é possível propor uma aprendizagem quanto ao comportamento *bullying*.

Iniciamos esse movimento de análise apresentando o personagem Sherman, representado como um menino esperto, cativante e muito inteligente, porém com um comportamento diferente da maioria das crianças da sua idade. Sherman foi adotado por um cão, diferentemente das outras crianças do contexto desse filme que teriam pais e mães humanos. Tal configuração familiar (Sherman ser um humano e seu pai ser um cão) será o foco e a motivação para que Sherman sofra *bullying* na escola.

Quando Sherman chega na porta de sua escola conduzido por seu pai, já é possível perceber na cena duas meninas que começam a cochichar comentários, ao mesmo tempo que olham para Sherman e Peabody, seu pai. A partir dessa cena do filme, podemos pensar o quanto o diferente do que é dado como “normal” é objeto de críticas, comentários e deboches. Para Tomaz Tadeu da Silva [...] “a diferenciação é o processo pelo qual a identidade e a diferença são produzidas” (2000, p. 76). Contudo, nesse processo acabam por ocorrer também a exclusão, pois.

Podemos dizer que onde existe diferenciação, ou seja, identidade e diferença, aí está presente o poder. A diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas. Há, entretanto, uma série de outros processos que traduzem essa diferenciação ou que com ela guardam uma estreita relação. São outras tantas marcas da presença do poder: incluir/excluir (“estes pertencem, aqueles não”); demarcar fronteiras (“nós e ”eles”); classificar (“bons e maus”; “puros e impuros”; “desenvolvidos e primitivos”; “racionais e irracionais”); normalizar (“nós somos normais; eles são anormais”) (Silva, 2000, p. 81).

Desse modo, identidade e diferença seriam produções culturais e sociais, pois, teríamos a identidade como aquilo que sou, e a diferença a marcação da diferenciação do que a identidade assume. Conforme Silva (2000, p. 74), a “[...] identidade é simplesmente aquilo que se é: ‘sou brasileiro’, ‘sou negro’, [...]” e a diferença “é concebida como uma entidade independente. Apenas neste caso, em oposição à identidade, a diferença é aquilo que o outro é”. Para esse autor, identidade e diferença são determinadas de forma mútua e interdependentes, sendo resultado de atos de criação na e pela linguagem. Kathryn Woodward (2000), corrobora ao afirmar que a identidade é sobretudo produzida pelas marcações da diferença, assim como

também ocorre com os conceitos de normal e anormal. Portanto, como todas as produções sociais e culturais essas ganham força diante das diversas pluralidades que nos interpelam no cotidiano, e cabendo a nós “naturalizá-las” ou problematizá-las.

Logo, para Suzana Barros “a escola é um espaço social e cultural, em que questões referentes aos corpos, gêneros, sexualidades, a diversidade, o preconceito, se fazem presentes” (2022, p. 285) e ressalta também que esses assuntos não estão presentes somente nas vivências dos/as estudantes, mas também nos textos, livros, filmes, músicas e brincadeiras, o que torna imprescindível propor o debate acerca deles.

Posteriormente, a esse momento inicial que já demarca o que o personagem Sherman virá a enfrentar na escola, diante de sua configuração paterna ser vista como incomum, temos a primeira cena na qual (Figura 1), ocorre a primeira representação do comportamento *bullying*, que é a cena em que Penny sugere que o lanche de Sherman seria ração (As aventuras de Peabody e Sherman, 2014, 13:53:00).

Figura 1: Cena em que Penny pergunta a Sherman sobre seu lanche.



Fonte: Youtube.

Diante dessa cena, podemos perceber que o personagem Sherman ainda não entende o que a personagem Penny pretende ao intimidá-lo quanto seu lanche ser ração, já que seu pai é um cão. Sherman não via como um problema seu pai ser um cão. Logo, ele não entende os diferentes preconceitos que circulam nesse espaço, e o quanto as diferenças são realçadas.

Desse modo, podemos pensar o quanto esses discursos influenciam na construção do conhecimento que temos, pois, a personagem Penny estaria a dar continuidade na perpetuação de um saber que já circula em nosso meio social, que é o de que a constituição familiar seria formada somente por um homem, uma mulher e seus/suas filhos/as. No entanto, o filme mostra

outra possibilidade de configuração familiar, questionando assim o saber de Penny.

Além disso, a personagem Penny percebe a inocência de Sherman e que, por isso ele não será capaz de se defender das provocações e intimidações feitas por ela. Segundo Allan Beane, as crianças intimidam umas às outras porque “querem dominar os outros, exercer poder e controle sobre as outras crianças para prejudicá-las. Elas gostam de se sentir grandes aos olhos de seus iguais” (2010, p. 24).

O que nos leva a pensar porque as crianças necessitam tanto se reafirmar dentro do ambiente escolar, as motivações que levam a prática de intimidar, provocar e controlar torna-se repetitiva e constante no ambiente da escola, o que acaba por ocasionar o *bullying*. Segundo Beane [...]” agressores e vítimas são produtos de nossa sociedade e reflexos da qualidade de nossas famílias, escolas e comunidade” (2010, p. 39). Possivelmente, as crianças só estejam a reprisar aquilo que elas percebem diante de nossas ações, posicionamentos, ou seja, a forma como agimos em frente a solução de conflitos e discussões.

Ademais, podemos perceber um tipo de *bullying* verbal ainda nessa cena. Diante da provocação de Penny ao deduzir que o lanche de Sherman seria ração, pois se seu pai era um cão ele também seria, a personagem deseja incitar a ideia de que Sherman acataria ordens como um cão. Cabe ressaltar que este tipo de *bullying* pode se tornar ainda mais prejudicial à criança, uma vez que:

O bullying verbal às vezes pode ser mais doloroso que o físico. Infelizmente, algumas crianças aprendem muito depressa que "paus e pedras podem quebrar meus ossos, mas palavras podem ferir mais e por muito mais tempo". Como apelidos ofensivos, comentários insultuosos e humilhantes, provocação repetida, comentários racistas e assédio, ameaças e intimidação e cochichar sobre a criança pelas costas (Beane, 2010, p. 21).

Dessa forma, o *bullying* verbal acarreta inúmeros malefícios nas vítimas, mais até do que os outros tipos de *bullying*, pois suas marcas não são visíveis a nós educadores/as, mas os sentimentos que a vítima passa a ter após sofrer várias intimidações verbais, críticas e apontamentos quanto a características físicas, configuração familiar, gênero, marcadores étnico-raciais, dentre outros são extremamente preocupantes e acabam por acompanhá-la até a vida adulta e seus vestígios podem ser percebidos diante de atitudes como falta de confiança em si, baixa autoestima, dificuldades de socialização.

Figura 2: Penny joga longe o sanduíche de Sherman.



Fonte: Youtube.

É importante salientar a segunda atitude da personagem Penny (figura 2), após ela sugerir que o lanche de Sherman era ração, situação na qual ela é bem mais violenta querendo intimidar e ridicularizar Sherman publicamente, mostrando que ele é um cão e, por isso, iria pegar o lanche o qual ela atirou longe, mencionando frases como “vai cachorrinho pega o seu almoço, pega, vai pegar, Sherman vai pegar o seu rango seja um cachorro bonzinho” (As aventuras de Peabody e Sherman, 2014, 14:23:00). Sherman sem muitas opções, se curva, e abaixa a cabeça e vai pegar o seu lanche no chão, enquanto todos/as às pessoas do refeitório dão risadas e alguns até falam frases como “Que humilhação!”.

Desse modo, é possível perceber que a personagem Penny se torna foco das atenções, diante de suas atitudes que configuram o *bullying*, ela mostra aos/às seus/suas outros/as colegas que Sherman se caracteriza como uma vítima fácil de intimidar, zombar e ridicularizar. E, assim, mais uma vez prevalecendo uma hierarquia dentro da escola, na qual Penny é vista como a menina perfeita e popular, enquanto Sherman seria o menino inocente e estanho por ter um pai cão, que no caso não sabe e não tem como se defender das agressões físicas e verbais direcionadas a ele.

Penny querer ser o foco das atenções quando faz *bullying* com Sherman seria uma das principais características de um/a agressor/a, pois o fenômeno *bullying* tem como característica principal um/a aluno/a querer se mostrar mais forte entre os/as outros/as, por isso procura uma vítima na qual ele/a sabe que não saberá como reagir para se defender ou sair dessa situação. Cleo Fante aponta que:

O bullying é um comportamento cruel intrínseco nas relações interpessoais, em que os mais fortes convertem os mais frágeis em objetos de diversão e

prazer, através de brincadeiras que disfarçam o propósito de maltratar e intimidar. (Fante, 2005, p. 29).

Essas “brincadeiras” só fazem com que a vítima de *bullying* se sinta cada dia mais e mais “pequena” diante das “brincadeiras” de seu/sua agressor/a e conforme sua recorrência se torna cada vez mais consecutiva vai aumentando as angústias e descontentamentos do/a aluno/a com o ambiente escolar. Cabe destacar que esse aspecto é muito preocupante, pois a escola é local no qual elas possuem o primeiro contato com outras crianças e assim aprendem a conviver com as diferenças e é fundamental para o seu desenvolvimento pessoal e social. Além de também essas atitudes irem contra uma das competências gerais da Educação Básica, presente na Base Nacional Comum Curricular:

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza (Brasil, 2017, p. 10).

Logo, a escola deveria ser o lugar em que as crianças tivessem a oportunidade de se desenvolverem integralmente, pois, seu desenvolvimento social também é de imensa importância, é através deles que os/as alunos/as aprenderão valores extremamente necessário à sua futura vida em sociedade. E diante da construção desses valores, diminuir cada vez mais as causas de violência dentro do ambiente escolar e nos demais espaços sociais.

Sherman inicialmente tinha muita curiosidade e vontade de ir para a escola e aprender mais sobre Ciências, História, fazer amigos/as. Porém, após as atitudes de Penny no refeitório da escola, se configura o *bullying*, e já é possível perceber outra postura do personagem em relação ao ambiente da escola. Mudança essa em que é notável também em uma vítima de *bullying*, diante do medo, estresse e ansiedade só de pensarem em ir a aula o que muitas das vezes pode fazer com que a criança minta que está doente para não ir à escola, ou até “mate aula” (Beane, 2010).

Retomando a análise da cena anteriormente mencionada, podemos perceber que os/as outros/as alunos/as presentes no refeitório ficarem assistindo as ações de Penny e alguns/algumas fazem comentários como “que humilhação” quando Sherman acata as ordens de Penny e vai em direção ao seu sanduíche, o qual Penny jogou no chão. Este seria outro

elemento marcante do *bullying*, pois, sem a plateia e o incentivo para a ação esse comportamento não tem porque ocorrer.

Segundo Guimarães (Jacinto, 2012), professor e orientador pedagógico, em sua entrevista intitulada “Melhor maneira de acabar com o *bullying* é eliminar a plateia”, no website Cruzeiro do Sul, acredita que uma das medidas para se abolir o *bullying* dentro da escola, seria adotar medidas para que a plateia não compactue com o/a autor/a do *bullying*, endossando suas ações. Sendo assim, é possível perceber que não só agressor/a e vítima devem receber o foco da atenção no comportamento *bullying*, mas também devemos nos preocupar com as ações dos/as outros/as alunos/as que presenciam tal comportamento no ambiente da escola, pois suas atitudes diante do *bullying* também influenciam na continuação desse fenômeno.

A última cena a ser analisada quanto a representação do *bullying* mostra Sherman novamente sendo exposto. Nesse trecho do filme Penny pega um apito canino que Sherman ganhou de seu pai e não deixa que ele o pegue de volta sem que pule como um cão (Figura 3). Essa cena seria ainda mais agressiva do que anterior pois, além de ridicularizar ainda mais Sherman em frente a todos/as, ela ainda detém a posse de um pertence do menino, o qual seria muito importante para ele, porque seu pai lhe deu de presente com todo carinho para que se ele precisasse dele era só usar o apito canino que ele viria até ele.

Figura 3: Penny pega um pertence de Sherman.



Fonte: Youtube.

A partir desse momento é possível perceber que Sherman já não aguenta mais as provocações de Penny e que se sente muito humilhado, diante do fato de ter que pular que nem um cão para pegar o presente de seu pai de volta. O que acaba por acarretar uma série de ações

ainda piores dos dois personagens, pois Sherman fica muito irritado e tenta pegar seu apito de volta e Penny segura-o pelo pescoço, mencionando frases como “Vamos Sherman admita você é um cão, só irei te soltar se você pedir que nem um cãozinho, vamos lá Sherman pede.” (As aventuras de Peabody e Sherman, 2014, 15:03:00). Ao mesmo instante todos/as os/as alunos/as gritam expressões como “briga, briga, briga”.

Por fim, o único meio que Sherman encontra para sair dessa situação fora de controle, em que Penny lhe segura à força, é mordendo o braço dela, pois, diante das circunstâncias de que ninguém lhe ajuda, o medo e o aborrecimento tomam conta dele fazendo com que haja impulsivamente. As vítimas de *bullying* pedem ajuda mesmo sem falar, diante de suas ações, expressões e sentimentos e é possível perceber que elas esperam receber ajuda de alguém nesse instante que sofrem as provocações, sejam dos/as alunos/as ou da própria escola. Porém, quando se veem sem o que fazer podem sim responder com atitudes também violentas (Fante, 2005).

É importante destacar que tanto esta última atitude que seria a mais violenta no *bullying* cometido contra Sherman, que fez com que ele também tivesse uma atitude reativa, agressiva, todas elas ocorreram no período do recreio, no refeitório em que não havia a presença de ninguém da composição da escola, a não ser alunos/as o que também influencia muito a recorrência do *bullying* nos outros ambientes da escola, que não somente a sala de aula. A ausência dos/as professores/as ou de outros/outros profissionais da escola, nesses momentos, seria um dos principais problemas para se identificar o *bullying*, que na maioria das vezes é ocorrido nesses outros espaços (Fante, 2005).

Vimos que o tema *bullying* deve receber significativa atenção dos/as professores/as e profissionais da escola, pois ainda segundo a autora supracitada, as vítimas de *bullying* não costumam falar e nem contar aos/as professoras/as, família ou responsáveis sobre o *bullying* cometido a elas/eles. Em razão de acreditarem que por esses comportamentos tornarem-se repetitivos e acompanhados por outros/outros alunos/as e por serem frágeis, quanto a capacidade de se defenderem acabam por constatar que são merecedores/as desses tipos de agressões.

É notável que Sherman apresenta as emoções de uma vítima de *bullying*, quando Penny toma seu apito, que para ele era de imensa importância, Sherman fica aterrorizado e sem saber o que fazer e até enche os olhos de lágrimas. Logo, a presença de algum/alguma profissional da escola, nesse momento para que pudesse perceber e controlar a situação é extremamente

necessária para que essa prática diminua cada vez mais nas escolas. A estudiosa Cleo Fante faz um notável apelo aos/às educadores/as referente a esse tipo de situação:

Por favor, valorizem os sentimentos que as vítimas expressam e entendam que para elas é muito difícil falar sobre o que está ocorrendo. Não pensem que aprenderão aos trancos a se desvencilharem de situações difíceis como essas. Se estão pedindo a sua ajuda é porque já não suportam mais o peso do sofrimento (Fante, 2005, p. 51).

Desse modo, torna-se extremamente necessário que as escolas adotem medidas que ajudem professores/as e os/as outros/outros profissionais da educação a terem consciência do que ocorre nos períodos em que os/as alunos/as se encontram nesses momentos mais livres, propícios a provocações e agressões para que, assim, a escola tenha o conhecimento de onde e como ocorre o *bullying* na escola. Como dito, o *bullying* é um problema social, que traz consigo problemas culturais, dados como normalizados em muitos espaços, pois muitas vezes é visto como apenas um conflito isolado ou ainda como uma situação na qual, a criança deve aprender sozinha como se defender, mesmo sem saber como.

Potencialidades do filme para o debate sobre *bullying*

Diante da pretensão de acreditarmos no significativo potencial que os artefatos culturais possuem dentro e fora do ambiente escolar, iremos abordar alguns elementos relevantes quanto à perspectiva de discutir sobre a problemática do *bullying* a partir desse filme no ambiente escolar, uma vez que:

Tal como a educação as outras instâncias culturais também são pedagógicas, também têm uma pedagogia, também ensinam alguma coisa. Tanto a educação quanto a cultura em geral estão envolvidas em processos de transformação da identidade e da subjetividade (Silva, 2004, p. 139).

Desse modo, podemos iniciar por problematizar as atitudes da personagem Penny, a autora do fenômeno *bullying* no filme. Penny é vista como uma figura a ser seguida na escola, pois é popular e bonita. Porém suas atitudes diante da chegada de um novo aluno, que se diferencia dos/as demais por causa de sua configuração paterna ser incomum, são de intimidar, ridicularizar e provocar. Além de acabar por intimidar os/as outros/as colegas fazendo com que tenham medo de tentar ajudar Sherman a sair dessa situação fora de controle exercida por Penny.

Com o intuito de promover uma reflexão das atitudes de Penny, pois suas ações apresentam comportamentos de um/a perpetrador/a, que acabam por gerar sérios impactos que não somente à vítima, mas a todos/as ao seu redor, fazendo com que tenham medo de se tornarem a próxima vítima, por isso acabam por não se posicionar diante do *bullying* ou fingem não presenciar ou até mesmo apresentam alguma atitude de aceitação, para que também não se tornem os/as próximos alvos. Logo, é possível perceber o quanto as atitudes do/a agressor/a influenciam diretamente em seu meio social escolar, pois segundo:

Seu comportamento agressivo influenciará nas atitudes dos alunos, promovendo interações ásperas, veementes e violentas. Devido ao temperamento irritadiço do agressor e à sua acentuada necessidade de ameaçar, dominar e subjugar os outros de forma impositiva pelo uso da força, as adversidades e as frustrações menores que surgem acabam por provocar reações intensas (Fante, 2005, p. 47-48).

Dessa forma, a partir das características das atitudes de Penny com o personagem Sherman é possível propor um debate e reflexão de como o *bullying* ocorre dentro do ambiente escolar e, assim, provocar inúmeras discussões dos malefícios desse fenômeno à vítima e aos/as outros/as alunos/as. Como por exemplo, as humilhações acometidas ao personagem Sherman, como elas podem influenciar em seu desempenho social, escolar e também o seu descontentamento com esse espaço da escola. Para proporcionar uma educação integral do/a educando/a, segundo Antoni Zabala é necessário que seja levado em consideração todos os conteúdos de aprendizagem não só aqueles contidos nas disciplinas, mas também aqueles que “possibilitam o desenvolvimento das capacidades motoras, afetivas, de relação interpessoal e de inserção social” (1998, p. 30).

Nesse sentido, é importante destacar o quanto a identidade do que somos é marcada pela diferença do que não somos, e o quanto esse processo de diferenciação é enaltecido de maneira negativa muitas vezes. Segundo Silva (2000), tanto a identidade quanto a diferença seriam resultados de atos de criação linguística, ou seja, elas não são essências e naturais, elas são produzidas por meio da linguagem, na qual estaria vinculada sempre a inúmeras diferenciações, que nunca são neutras e inocentes.

Na disputa pela identidade está envolvida uma disputa mais ampla por outros recursos simbólicos e materiais da sociedade. A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais,

assimetricamente situados, de garantir acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder (Silva, 2000, p. 81).

Por isso, a identidade e a diferença estariam profundamente correlacionadas a relações de poder, no qual ocorre inúmeras classificações, delimitando quem pertence, quem não pertence, quem é aceito e quem não e assim socialmente, por conseguinte. Por isso, promover a discussão das diferenças e do quanto socialmente a percebemos, sendo, como no caso do filme, motivo do *bullying* sofrido na escola, é uma das possibilidades de se problematizar os processos de produção cultural dos sujeitos e dos sentidos que atribuímos as diferenças.

Cabe salientar que no filme “As aventuras de Peabody e Sherman”, ao longo de seu enredo existe um momento em que aparece Peabody fazendo uma retrospectiva de momentos marcantes que passou com Sherman, até o dia em que ele o encontrou ainda bebê em um corredor escuro em uma rua na cidade. Posteriormente a esse momento, aparece Peabody se recordando da fala do juiz em seu processo de adoção do menino Sherman, (As aventuras de Peabody e Sherman, 2014, 21:13:00) “Se um menino pode adotar um cão, não vejo porque então um cão não possa adotar um menino”.

Logo, diante da fala do juiz em sua decisão de conceder a guarda a Peabody e ele ser um pai zeloso e preocupado com a educação do filho, isto é, ele ter todas as características de um bom pai, é uma maneira de desnaturalizar paradigmas sociais e, assim, também, problematizar a identidade e a diferença. O filme não traz somente, a proposta para com o respeito às diferenças, mas também de problematizá-las, mostrando que diferentes todos/as nós somos, pois sem a diferença não seríamos quem somos, e é a diferença que traz a possibilidade de mudanças, formando outras identidades.

É importante salientar o comportamento do pai de Penny, que aparece constantemente dando atenção ao seu celular e deixando de lado sua filha, além de também não dar a menor atenção as atitudes agressivas da filha na escola. Logo, esse comportamento do pai de Penny, sendo ausente quanto a preocupação com as atitudes da filha, seria, conforme o enredo do filme, um dos principais motivos da prática e da perpetuação do *bullying* que ela comete à Sherman. Conforme, Cleo Fante “[...] as causas desse tipo de comportamento, segundo especialistas devem-se a carência afetiva, a ausência de limites” (2005, p. 61) o que é possível perceber que Penny possui determinada carência

e falta de atenção do pai e que, por isso, ela age de maneira a chamar a atenção dele.

Logo, esse tipo de comportamento de Penny como uma “reação à falta de atenção paterna” deveria também receber atenção da direção da escola. No filme, após Sherman morder o braço de Penny para conseguir sair daquela situação fora de controle que Penny gerou no refeitório da escola, o diretor juntamente da representante da proteção da criança, chama o Sr. Peabody para relatar o comportamento de Sherman, que é visto como fora do comum e devido Sherman ser adotado por um cão, não dando atenção alguma ao *bullying*.

Nesse sentido, não podemos deixar de mencionar também as falas e o posicionamento da representante da proteção à criança, Ms. Grunion, diante do ocorrido, “ele a mordeu a situação está feia, afinal você é um cão” “é normal as crianças provocarem o que não é normal é morderem, é obvio que é devido a maneira, na qual ele está sendo criado” (As aventuras de Peabody e Sherman, 2014, 16:39:00). A partir dessa cena da personagem do filme, podemos perceber que essa escola não dá a devida atenção para o fenômeno *bullying* e ainda age de maneira preconceituosa e vê como problema somente aquilo que vai contra a norma.

Para Silva “[...] Normalizar, significa eleger arbitrariamente uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas” (2000, p. 83), que nesse caso seria o comportamento de Sherman se assemelhar a de um cão. Contudo, o comportamento de Penny não é se quer questionado, pois sua constituição familiar não apresentaria nenhum problema, por estar de acordo com o padrão culturalmente e socialmente aceito comportamento de Sherman se assemelhar a de um cão, porém o comportamento de Penny não é se quer questionado, pois sua constituição familiar não apresentaria nenhum problema, por estar de acordo com o padrão culturalmente e socialmente aceito.

Tal cena nos possibilita pensar o quanto esses modos de condução presentes nessa escola evidenciam o fato do quanto ainda o *bullying* é tão presente no ambiente escolar, pois, segundo as autoras Juliana Ferreira e Helenice Tavares (2009, p. 196):

O bullying deve ser tratado com grande importância pela escola, família e sociedade por ser um fator de violência que demonstra desigualdade e injustiça social, além de pressões psicológicas ou físicas por parte do agressor, desacatando e degradando as diferenças, bem como, consequências físicas e emocionais de curto e longo prazo, as quais podem causar dificuldades acadêmicas, sociais, emocionais e legais (Ferreira, Tavares, 2009, p. 196).

Nessa perspectiva, podemos destacar que, para que o *bullying* não ocorra no ambiente

escolar, é necessária uma união das famílias, escola e mudanças em nossa sociedade. Pois a articulação da escola, família e comunidade, deve haver um significativo incentivo estatal à discussão de políticas de engajamento desta tríade em ações educativas (Santos, 2020) para que assim este problema seja encarado de maneira a vê-lo como causa de inúmeras problemáticas em nossas escolas, como preconceito, agressividade, exclusão, violência e evasão. Assim também abordar a identidade e a diferença de maneira a questioná-las, pois, conforme Silva (2000), uma das maneiras de se fazer isso seria apostando em uma “pedagogia da diferença”, pois não basta somente questionar a identidade, mas sim, também, a todas as relações de poder, em que elas estariam associadas, pois, sem a diferença, seríamos todos/as iguais, como se o mundo fosse sempre o mesmo. Passando a ver na diferença a possibilidade de aprender e conhecer o/a outro/a.

Considerações finais

Tendo em vista o que foi observado e passando a olhar para um artefato cultural enquanto um espaço que educa e uma ferramenta pedagógica para promoção do debate, podemos perceber o quanto esse recurso é importante para a atuação docente. Os filmes proporcionam uma aprendizagem através do lúdico e apresentam questões importantes quanto a reflexão de comportamentos em nossa sociedade, neste caso, o *bullying* ainda sendo um problema constante no ambiente escolar, o que torna esse assunto fundamental a ser discutido.

Perante a isso, podemos perceber que o artefato cultural “As aventuras de Peabody e Sherman” possui potencialidade para se discutir sobre *bullying*, pois foi possível enxergar, em suas cenas, o quanto esse comportamento influencia no contexto social, proporcionando um descontentamento pessoal a vítima e a todos/as presentes. Conforme Fante (2005) e Beane (2010), a melhor maneira de tentar diminuir a recorrência do *bullying* seriam por meio de estratégias sociais educativas que melhorem as relações interpessoais.

Como vimos, as causas do fenômeno *bullying* são multifatoriais, como a falta de processo formativo nas escolas, para a orientação às famílias de como lidar e perceber que seus/suas filhos/as podem estar sofrendo *bullying*, ou até mesmo praticando-o. Além disso, existem inúmeros fatores culturais, como diferenças sociais, corporais, étnicas entre outras, que influenciam o preconceito e/ou a diferenciação, que muitas vezes coaduna com a prática de

comportamentos que podem vir a provocar o *bullying*. Por isso, é tão importante que exista um acesso maior a essas informações, para que assim sua recorrência seja cada vez menor no ambiente da escola.

Logo, propiciar o debate sobre o *bullying* a partir de algumas questões abordadas em “As aventuras de Peabody e Sherman” – como o posicionamento da escola diante do *bullying*, o comportamento da personagem Ms Grunion determinando o que é normal ou anormal, falta de apoio da escola, preconceito quanto a uma configuração paterna e familiar diferente, comportamento do/a autor/a e vítima de *bullying*, reflexos do fenômeno *bullying* nos/as outros/outras alunos/as – torna-se necessário a fim de discutir tais questões no curso de formação de professores/as, pois, não levar em discussão tais comportamentos é o mesmo que silenciar questões tão relevantes de serem trabalhadas no ambiente escolar.

Além disso, o filme mostra a importância de se trabalhar os processos de diferenciação, no qual a identidade e a diferença estariam em estreita relação com as relações de poder – de incluir e excluir, preconceito, exclusão, ou seja, várias outras problemáticas sociais que geram inúmeros conflitos e como o mais frequente o fenômeno *bullying*, que pode acarretar em sequelas ainda piores, como evasão, violência e depressão. Assim, é relevante propor o debate sobre o *bullying* como um problema de saúde pública extremamente preocupante.

Por isso, é importante salientar que ser professor ou professora deve estar atento/a com essa questão, pois este/a deve estar disposto/a a propor conexões do cotidiano dos/as alunos/as com o conteúdo e as diferentes demandas sociais que se apresentam nesse ambiente. Propor uma reflexão do comportamento *bullying* a luz de um filme requer saberes específicos, pois existem tantas outras questões envolvidas nesse comportamento, na qual somente um/a educador/a com formação específica, demandada no artigo, poderia perceber.

É imensurável mencionar o quanto o papel do/a professor/a sofreu inúmeras mudanças quanto a sua atuação docente. Antes visto, na modernidade como aquele/aquela que transmitia conhecimentos, produzidos por outros/as para os/as alunos/as (GERALDI, 2010), para agora mediador/a do conhecimento, proporcionando as ferramentas necessárias para que o/a educando/a se torne protagonista de seu próprio processo educativo. Por isso, os/as professores/as desempenham um papel fundamental na educação dos alunos e das alunas. Despertando a curiosidade frente a questionamentos acerca do que é dado natural e essencial

em nossa sociedade, além de promover a construção de valores e princípios extremamente necessários, como o respeito e reconhecimento das diferenças.

Dessa forma, o presente estudo, nos possibilita pensar o quanto a profissão docente é um desafio, pois temos que dar conta de inúmeras problemáticas sociais que nos interpelam no cotidiano escolar, e assim fazer com que sejam questionadas muitas delas, e também cada dia mais procurar explorar diferentes formas de promover a construção do conhecimento dos/as alunos/as. Os/As professores/as jamais devem abandonar a busca por novas propostas educativas como essa proposta neste estudo, refletir sobre o *bullying* no contexto escolar diante de um filme.

Referências

AS AVENTURAS DE PEABODY E SHERMAN [Mr. Peabody & Sherman]. Direção de Rob Minkoff. Produção de Alex Schwarts e Denise Nolan. Roteiro de Craig Wright. 28 de fevereiro de 2014. Produtoras: DreamWorks Animation, Pacific Data Images, Bullwinkle Studios. Distribuição: 20th Century Fox, 2014.

AMARAL, Caroline; CASEIRA, Fabiane; MAGALHÃES, Joanalira. Artefatos culturais: pensando algumas potencialidades para discussão dos corpos gêneros e sexualidades. *In*: RIBEIRO, Paula Regina; MAGALHÃES, Joanalira Corpes (Org.). **Debates contemporâneos sobre educação para a sexualidade**. Rio Grande, RS: Furg, 2017. p. 121-134.

BAPTISTA, Rodrigo. Lei de combate ao bullying completa um ano de vigências. Senado Notícias, 7 abr. 2017. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2017/04/07/lei-de-combate-ao-bullying-completa-um-ano-de-vigencia#:~:text=O%20projeto%20de%20lei%20da,a%20lei%20est%C3%A1%20em%20vig%20o>. Acesso em: 17 Mai. 2022.

BARROS, Suzana. “Aprendendo a respeitar as pessoas independente de sua cor, raça, gênero, idade, classe social”: um relato de experiência sobre um projeto de pesquisa que envolve os direitos humanos. *In*: RIZZA, Juliana.; SILVA, Gisele. **Estratégias de Resistência nas Escolas: experiências com o debate de gênero e sexualidade**. Rio Grande, RS: Furg, 2022. p. 284-301.

BEANE, Allan. **Proteja seu filho do bullying: impeça que ele maltrate os colegas, ou seja, maltratado por eles**. Tradução: Débora Guimarães Isidoro. Rio de Janeiro, RJ: Best Seller, 2010. 235 p.

BRASIL, **Ministério da Educação**. Base Comum Nacional Curricular. Brasília

2017. Disponível

em:http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf
Acesso em: 28 nov.2022.

CORTES, Daniela: Artigo: o bullying tornou-se um problema de saúde pública. **Tudo em dia**, Disponível em:<https://www.tudoemdia.com/artigo-o-bullying-tornou-se-um-problema-de-saude-publica>. Acesso em: 28 jun. 2022.

DIÁRIO DO AMANHÃ. Brasil é o quarto país com maior prática de bullying no mundo, aponta Unicef. 2017. Disponível em:

<https://www.dm.com.br/cotidiano/2017/11/brasil-e-o-quarto-pais-com-maior-pratica-de-bullying-no-mundo-diz-unicef>. Acesso em: 24 jun. 2022.

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. São Paulo, SP: Verus, 2005. 153 p

FERREIRA, Juliana.; TAVARES, Helenice. Bullying no ambiente escolar. **Revista da Católica**. Uberlândia, v. 1, n. 2, p. 187-197, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: História da violência nas prisões. Tradução: Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. 348 p.

GERALDI, João Wanderley. A aula como um acontecimento. In: GERALDI, João Wanderley. A aula como um acontecimento. São Carlos: Pedro & João. Editores, 2010. P. 81-101.

JACINTO, Daniela. Melhor maneira de acabar com o bullying é eliminara plateia. *Jornal Cruzeiro*. Disponível em:<https://www2.jornalcruzeiro.com.br/materia/430671/melhor-maneira-de-acabar-com-o-bullying-e-eliminar-a-plateia>. Acesso em: 10 set. 2022.

LEITE, Gislaiane.; CASTRO, Roney. ‘Hoje eu quero voltar sozinho’: artefatos culturais e sua relevância em processos formativos sobre sexualidades e pessoas com deficiências. In: RIZZA, Juliana.; SILVA, Gisele. **Estratégias de Resistência nas Escolas**: experiências com o debate de gênero e sexualidade. Rio Grande, RS: Furg, 2022. p. 117-134.

MAGALHÃES, Joanalira.; RIBEIRO, Paula. Artefatos Culturais: Algumas possibilidades para a promoção de uma educação para a sexualidade. **Diversidade e Educação**. Rio Grande, v. 1, n. 1, p. 45-46, jan./jun. 2013

MAGALHÃES, Joanalira.; RIBEIRO, Paula. Repensando as Representações de Gênero nos episódios de Peppa Pig. **Diversidade e Educação**. Rio Grande, v. 2, n. 4, p. 38-41, jul./dez. 2014.

SANTOS, Alana Driziê Gonzatti dos. **Letramento comunitário**: engajamento saberes locais aos saberes escolares. 2020. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020. Disponível em:
<https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/31913> Acesso em: 21 maio. 2024.

SENADO NOTÍCIAS: Lei de combate ao bullying completa um ano de vigência. **Senado**. Disponível em :<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2017/04/07/lei-de-combate-ao-bullying-completa-um-ano-de-vigencia>. Acesso em: 25 ago. 2022.

SILVA, Tomaz. **Documentos de Identidade: Uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004. 156p.

SILVA, Tomaz (org). HALL, Stuart. WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Tradução: Tomaz Tadeu Silva. Petrópolis, RJ: Vozes 2000. 136 p.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, Tomaz (org). HALL, Stuart. WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Tradução: Tomaz Tadeu Silva. Petrópolis, RJ: Vozes 2000. 7-72 p.

ZABALA, Antoni. **A prática Educativa: Como ensinar**. Tradução: Ernani E. da Rosa. Porto Alegre, RS: Artmed 1998. 224p.

Submissão em: 11/06/2023

Aceito em: 06/06/2024

Citações e referências
Conforme normas da:

